

Missionários da misericórdia nas prisões

VISITA AOS PRESOS É A AÇÃO MISERICORDIOSA PRATICADA REGULARMENTE PELOS INTEGRANTES DA PASTORAL CARCERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

DANIEL GOMES

danielgomes.jornalista@gmail.com

Em 2013, eles foram voluntários na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro e não ficaram indiferentes ao chamado do Papa Francisco para que os jovens sejam os protagonistas da mudança.

Tão logo voltaram a São Paulo, os noivos Anderson José da Silva, 25, e Érica Carolina Rodrigues da Silva, 24, decidiram que se dedicariam às pessoas presas.

“Para nós jovens, aquele foi um momento de bastante reflexão quanto à vivência da fé e a necessidade de se ter uma ação mais concreta no trabalho de ajudar o próximo. Então, logo depois da Jornada, a gente entrou na Pastoral Carcerária”, recorda Anderson ao **O SÃO PAULO**.

Aos sábados e domingos, na companhia de outros integrantes da Pastoral Carcerária da Arquidiocese, os noivos visitam os presos do Centro de Detenção Provisória (CDP) de Pinheiros, na zona Oeste da cidade.

“Quem não conhece a realidade animaliza muito os presos, acha que vamos ao encontro de assassinos, de estupradores, de pessoas que cometeram crimes brutais. Sim, eles podem até ter cometido algum desses delitos, mas quando a gente vai lá, se esquece de todos esses crimes e vai encontrar pessoas, gente como a gente, que poderiam ser nossos irmãos, nossos pais ou outro familiar”, comenta Érica.

COM OS PÉS NO CÁRCERE

Estranheza e indignação. Essas foram as sensações de Anderson no primeiro dia em que visitou uma prisão, após a formação prévia oferecida pela Pastoral Carcerária.



Nas prisões, Pastoral Carcerária leva a Palavra de Deus e os sacramentos; no detalhe, grupo que visita CDP de Pinheiros junto a Dom Julio Akamine



ria. “Índigna você perceber o ser humano vivendo sem local adequado nem para dormir e, às vezes, abandonado pela família”, comenta.

Segundo Érica, na ida ao CDP de Pinheiros, os participantes da Pastoral se reúnem com os presos nas celas, em grupos que podem variar de dez a 50 pessoas, para momentos de oração à luz da Palavra de Deus. “Eles são muito atenciosos. Oferecem água, café, fazem tudo o que podem para nos agradar, porque muitos não recebem visitas. A gente é a visita deles. Eles nos tratam como se fossemos da própria família”.

Anderson comenta que muitos dos presos “sabem a Palavra de Deus muito mais do que nós, estudam bastante a Bíblia e assim acrescentam muito para nossa vida aqui fora”.

A MISERICÓRDIA ALÉM DA VISITA

Na carta sobre a concessão de indulgências por ocasião do Ano Santo extraordinário da Misericórdia, em 1º de setembro de 2015, o Papa Francisco indicou que este Jubileu “constituiu sempre a oportuni-

dade de uma grande anistia, destinada a envolver muitas pessoas que, mesmo merecedoras de punição, todavia, tomaram consciência da injustiça perpetrada e desejam sinceramente inserir-se de novo na sociedade, oferecendo o seu contributo honesto”.

Na avaliação do Padre Valdir João Silveira, coordenador nacional e arquidiocesano da Pastoral Carcerária, com o Jubileu extraordinário e especialmente com o convite à retomada das obras de misericórdia, o Papa deseja que todo o cristão haja como Jesus. “Em nossa sociedade, os mais miseráveis, os que são mais odiados, desprezados, são os presos. Cuidar com o coração dessas pessoas é justamente mudar a realidade delas”.

Também para Érica, uma postura misericordiosa com os presos vai além de visitá-los. “A misericórdia para com quem está encarcerado não é somente a visita, mas sim uma luta aqui fora para quebrar o paradigma de que a pessoa presa não merece perdão, que merece a morte, que tem só que pagar pelo que fez. A misericórdia com os presos é espalhar que Jesus não olha o que a gente fez, mas olha se nos arrependemos. Essa é nossa maior responsabilidade, fazer essa conscientização, que é o mais difícil”.

“O Ano da Misericórdia é para cada

um de nós. Somos todos miseráveis diante de Deus, somos todos pecadores. Deve-se começar pela conversão, pela mudança de vida, pelo arrependimento dos pecados. Mudar exige atitudes, passos concretos. Como dizia Madre Teresa de Calcutá, ‘As mãos que ajudam são mais santas do que os lábios que rezam’. Então, neste momento, vamos, com um gesto concreto, andar em direção aos miseráveis que são os mais desprezados da nossa sociedade, as pessoas encarceradas”, convida o Padre Valdir.

Com um grupo de 180 integrantes cadastrados para as visitas aos mais de 20 mil presos de todas as unidades prisionais da capital e também de Franco da Rocha, na Grande São Paulo, a Pastoral Carcerária está aberta a novos participantes e também viabiliza a visita aos cárceres daqueles que queiram apenas conhecer as prisões neste Ano Santo. É preciso ter ao menos 18 anos de idade. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 3151-4272, ou na sede da Pastoral em São Paulo (rua da Consolação, 21, 9º andar, centro).

PRATIQUE VOCÊ TAMBÉM AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

“A prática diária da misericórdia nos deixará mais humildes e respeitosos em relação aos outros; e nos deixará mais confiantes em Deus, certos de que também nós mesmos precisamos contar com a misericórdia de Deus: ‘Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes’ (1 Pd 5,5)”.

(Cardeal Odilo Pedro Scherer, Carta Pastoral “Misericordiosos como o Pai”, página 11).

Obras de misericórdia corporais (materiais)

Dar de comer aos que têm fome
Dar de beber a quem tem sede
Prover os que não têm o que vestir
Acolher o estrangeiro
Assistir os doentes
Visitar os presos
Sepultar os mortos

Obras de misericórdia espirituais

Ajudar os que têm dúvidas
Ensinar os que não sabem
Aconselhar os pecadores
Consolar os aflitos
Perdoar as ofensas
Suportar com paciência as injustiças
Rezar a Deus pelos vivos e mortos

VISITA AOS PRESOS: ‘ATITUDE PROFÉTICA DE GRATUIDADE E FRATERNIDADE’

Para orientar aqueles que visitam as pessoas presas, a Pastoral Carcerária criou o “Manual de Formação para Agentes da Pastoral Carcerária” (Paulus Editora, 2014). Um dos primeiros indicativos do manual é que o “objetivo principal na visita não é rezar, celebrar o culto, a missa, converter as pessoas presas. A visita deve ser uma atitude profética de gratuidade e fraternidade”.

O material apresenta orientações práticas sobre como se comportar na visita aos encarcerados, entre as quais: sempre ir ao menos em duas pessoas; ter discrição nos comentários sobre a vida dos presos e seus familiares; não perguntar qual o crime que a pessoa cometeu e sua pena; sempre chamá-la pelo nome e não por apelidos; jamais prometer o que não poderá ser cumprido; de forma alguma presentear os presos

individualmente (pode-se, sim, colaborar com as iniciativas de doações coletivas da Pastoral); ter uma postura de escuta atenciosa; e anotar as solicitações que os presos fizerem e repassá-las à coordenação da Pastoral Carcerária.

“É preciso dedicação, reflexão em grupo, perspicácia, criatividade, paciência e, também, a experiência do sentimento de impotência perante tantos desafios e mazelas. Esse sentimento não deve, no entanto, resultar numa postura paralisante. Acima de tudo, diante da pessoa presa, inclusive mediante suas limitações, seus medos e seus erros, devemos formar em nós um coração aberto para acolhe-la sem condená-la e, assim, expressar a bondade e a misericórdia com que Jesus Cristo vem até nós para manifestar ou seu amor indistintamente”, consta em um dos trechos do manual.